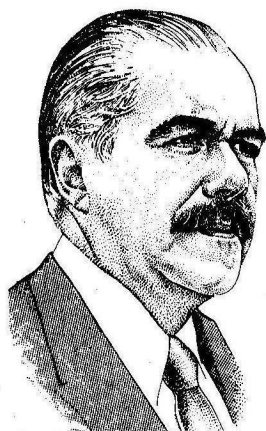


Sarney não acredita no Plano Brady

por Maria Helena Tachinardi de Ica



José Sarney

O presidente José Sarney criticou ontem o Plano Brady por sua "lentidão". "Nós não vemos instrumentos capazes de fazê-lo funcionar. Confesso que não acredito em seu sucesso se continuar a ser executado de forma lenta", acrescentou o presidente, ressaltando, entretanto, que o programa de redução de dívida que leva o nome de seu autor, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, tem uma boa filosofia.

Sarney fez essas declarações pouco antes de despedir-se do Grupo dos Oito, na cidade peruana de Ica, onde propôs a seus colegas do México, Uruguai, Peru, Colômbia, Venezuela e Argentina a criação de uma secretaria permanente para implementar as decisões presidenciais. "A sede poderá ser no país em que se realizar a reunião presidencial." Na visão de Sarney, o grupo, que nasceu como um mecanismo informal de consulta e que prescindia, portanto, de um órgão paralelo e executivo, hoje já se consolidou e está na fase da integração

física e não mais no plano da doutrinação sobre a necessidade de se fazer a integração regional.

"Considero que o Grupo dos Oito amadureceu e foi responsável, nestes três anos, pela doutrinação que levou à implantação de processos democráticos na região", disse.

Sobre a admissão de novos países no grupo, o presidente afirmou que o assunto será discutido nas próximas reuniões. "Há uma proposta do presidente Andrés Perez, da Venezuela, para

(Continua na página 6)

Sarney não...

por Maria Helena Tachinardi de Ica
(Continuação da 1ª página)

se incluir um país do Caribe", acrescentou.

O presidente salientou a importância da inserção de Cuba na Organização dos Estados Americanos (OEA), da qual está afastada desde 1962. "Esse é um problema que desde a primeira reunião do Grupo dos Oito eu tenho defendido. Acho que precisamos normalizar a situação na América Latina e isso não se concretizará enquanto não tivermos o problema de Cuba também resolvido dentro da própria América Latina. Estamos entrando no século XXI e não podemos, no momento em que toda a América do Sul é constituída de democracias, ter qualquer resquício de colonialismo", ponderou.

SAÍDA DE CAPITAL

Sarney criticou os organismos multilaterais de crédito que seguem a política dos países industrializados e "penalizam nossos países com condicionalidades". Exemplificando, o presidente citou o fluxo de caixa de US\$ 4 bilhões que deveria ser repassado ao Brasil através de organismos internacionais, o que não aconteceu. "Com isso as nossas contas se desequilibraram, o que nos obrigou a retardar nossos pagamentos, uma vez que não vamos colocar reservas do País num nível baixo."

O presidente reiterou que quer deixar a seu sucessor uma situação financeira confortável, "para que ele possa discutir e negociar o problema da dívida em outras condições que eu não pude ter".

"Eu não fiz nenhuma dívida. Paguei a dos governos anteriores, cerca de US\$ 56 bilhões durante esse período, e tenho lutado firmemente, inclusive com outros países, no sentido de modificar não somente os problemas da dívida mas essa ordem econômica internacional injusta", acrescentou.

Antes do encerramento da reunião, Sarney foi condecorado pelo presidente peruano, Alan García, com a "Ordem do Sol", instituída pelo general San Martín, em 1821.

POLÍTICA EXTERNA

Ao fazer um balanço sobre as relações externas do Brasil, o presidente comentou que "Bush, embora palidamente, melhorou a direção das relações dos Estados Unidos com a América Latina", enquanto o presidente anterior, Ronald Reagan, não deu uma resposta positiva aos apelos do Brasil para uma agenda diplomática mais

positiva. "Posso dizer que, quando assumi, houve um fato muito significativo: na data de 7 de setembro recebi um telegrama que eu pensei que fosse de congratulações, mas era um telegrama do presidente Reagan sobre as retaliações em relação ao Brasil," comentou o presidente.

Sarney lembrou que, desde sua viagem a Tóquio, havia proposto ao presidente Bush uma agenda positiva. "Que nós tratássemos de assuntos que nos unissem e não assuntos para aprofundar divergências. A mesma proposta tinha sido feita ao presidente Reagan e, evidentemente, essa proposta não teve uma resposta imediata, uma resposta positiva, porque nós passamos os mesmos problemas, problemas abertos como o da informática, do aço e tantos outros. Agora, com relação a Bush, ele está procurando construir essa agenda positiva, em primeiro lugar procurando solucionar as nossas divergências", afirmou.

Sarney disse, ainda, que "esse é um trabalho que estamos realizando em relação não só ao meu governo, como também preparando para que o próximo governo encontre um terreno internacional bem melhor".

TAREFA FASCINANTE

Comentando sobre sua despedida do Grupo dos Oito, Sarney disse que "foi uma tarefa fascinante. Considero que obtive uma participação patriótica na formação do grupo. Sem a presença do Brasil, ele não teria a importância que tem hoje. E sobretudo, hoje, o Brasil é um País integrado à América Latina. O Brasil é um país que está de mãos dadas com a América Latina, não de costas. Este é o nosso espaço geográfico, no momento em que no mundo inteiro, as economias procuram se unir sob a perspectiva longa de paz. Os Estados Unidos e a URSS entraram em um grande acordo, e seria impossível que nós não tivéssemos o mesmo avanço em relação à América Latina. Acho que esse trabalho do Brasil foi reconhecido não só externamente como a nível interno, uma vez que a Constituição tem como seus objetivos principais, no artigo primeiro, a integração latino-americana".

Referindo-se à dívida externa, o presidente, que embarcou ontem à tarde de volta ao Brasil, reiterou que "o que desejamos é que tenhamos condições de negociar com os nossos vizinhos aumentando o fluxo de comércio e evitando que o problema da dívida seja impeditivo de um entendimento maior para as nossas relações comerciais. O grande obstáculo que te-

mos tido é que quase todos os países devedores, através do Clube de Paris, não podem fazer acordos separados. Temos também tentado cooptar países desenvolvidos para que esse problema possa ser enfrentado de outras maneiras e ser satisfatoriamente resolvido. Dentro dessa visão já fizemos acordos com o Paraguai, estamos negociando com o Equador. E desejamos que o Brasil possa compor com esses países aquilo que nós estamos exigindo dos países que nos são credores. Não podemos ter duas políticas — uma política que se pense e outra política que se possa fazer, porque hoje o Brasil é um país devedor e também um país credor", concluiu o presidente.